

A PERSPECTIVA DA LINGUAGEM ENQUANTO AÇÃO NO TEXTO *A RESSURREIÇÃO DE ROMA*¹

*THE LANGUAGE PERSPECTIVE AS ACTION IN THE
TEXT THE RESURRECTION OF ROME*

Evangelina M. Brito de Faria

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Para a Linguística Interacional, a linguagem é um lugar de interação comunicativa, pela produção de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação, constituída por um contexto histórico e ideológico. Os usuários da língua interagem enquanto sujeitos, que ocupam lugares sociais e falam e ouvem desses lugares. Para essa concepção, “A interação verbal constitui a realidade fundamental da linguagem”. Para Bakhtin, a comunicação só existe na reciprocidade do diálogo e é muito mais que a simples transmissão de mensagem, é, sobretudo, constituição de sujeitos. Constituição de sujeitos é uma das principais ações da linguagem. Considerar a língua como ação é assumir que a prática social, que chamamos linguagem, é indissociável de suas consequências éticas, sociais, econômicas e culturais. Por essa perspectiva, essa comunicação tem por objetivo observar, no texto *A Ressurreição de Roma*, de Lubich (1949), as consequências de seu dizer para a vida em sociedade. Chiara Lubich (1920-2008) é uma das figuras mais representativas do diálogo intercultural e interreligioso do século XX. Fundadora do Movimento dos Focolares, utilizou múltiplos meios de comunicação para difundir seus pensamentos, deixando um grande arquivo de publicações, ainda parcialmente inédito. Teoricamente, buscamos, principalmente, apoio em Bakhtin (2014) e na pragmática de Austin (1990). Metodologicamente, faremos um percurso bibliográfico. Espera-se consolidar a visão da linguagem enquanto ação e mostrar sua importância na construção de relações mais sólidas, ancoradas em um discurso, que encontre respaldo nas ações realizadas na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, Ação, Lubich.

ABSTRACT: For Interactional Linguistics, language is a place of communicative interaction, through the production of meaning between interlocutors, in a given communication situation, constituted by a historical and ideological context. Language users interact as subjects, who occupy social places and speak and hear from these places. For this conception, “Verbal interaction is the fundamental reality of language”. For Bakhtin, communication exists only in the reciprocity of dialogue and is much more than the simple transmission of messages, it is, above all, the constitution of subjects. Constitution of

¹ Submetido em 08/10/2020 - Analisado em 02/11/2020

subjects is one of the main actions of language. To consider language as an action is to assume that social practice, which we call language, is inseparable from its ethical, social, economic and cultural consequences. From this perspective, this communication aims to observe, in the text *The Resurrection of Rome*, by Lubich (1949), the consequences of his saying for life in society. Chiara Lubich (1920-2008) is one of the most representative figures in the intercultural and interreligious dialogue of the 20th century. Founder of the Focolare Movement, she used multiple means of communication to spread her thoughts, leaving a large archive of publications, still partially unpublished. Theoretically, we mainly seek support in Bakhtin (2014) and Austin's pragmatics (1990). Methodologically, we will make a bibliographic path. It is hoped to consolidate the vision of language as an action and to show its importance in building more solid relationships, anchored in a discourse, which finds support in the actions carried out in society.

KEYWORDS: Language, Action, Lubich.

1. INTRODUÇÃO

O texto *Ressurreição de Roma*, da autoria de Chiara Lubich (1920-2008), foi publicado no jornal "La Via" nº 36 em 1949. O texto apresenta um novo olhar de Lubich sobre a cidade de Roma, pós-guerra. Esse texto já foi objeto de estudo no campo da sociologia e da política. Nesse artigo, queremos observá-lo da perspectiva da linguística. Para isso, iniciaremos apresentando a Pragmática, a arquitetura da responsabilidade de Bakhtin e, sob esses enfoques, tentaremos mostrar as consequências do discurso de Lubich para a vida em sociedade. Ancorados pela pesquisa bibliográfica, buscaremos evidências, nesse texto e na vida de Lubich, da coerência entre linguagem e ação e as marcas de responsabilidade, que atestam a conexão em sua vida dessas duas práticas sociais.

Hoje, mais do que nunca, sabemos da importância da linguagem na vida do ser humano. Ela media todas as nossas ações e também constrói ações. Paralelamente a essa visão, vemos, na sociedade, um constante contraste entre fala e ação. Muitas vezes nossos atos excluem qualquer relação lógica com a palavra emitida. Mas será que existe uma afinidade entre falar e fazer? A linguagem e a vida exigem uma respostas similares coerentes? Este artigo se propõe discutir essas relações entre língua e prática e, ao mesmo tempo, estabelecer elos entre o texto *Ressurreição de Roma* e algumas responsabilidades de Lubich, para explicitar conexões entre as palavras usadas no texto em discussão e sua vida prática. Para isso, discutiremos alguns conceitos nos autores citados e analisaremos trechos do texto, comparando com atitudes de Lubich, que evidenciam relações pertinentes entre o falar e o agir. Iniciemos pela percepção de língua (fala e escrita) enquanto ação.

2. UMA VISÃO PRAGMÁTICA

A linguística possui várias áreas de estudo e uma delas é a Pragmática, que procura entender como os falantes usam a língua em seus mais variados contextos e como os contextos moldam as condições de uso da língua. Certamente já ouvimos o provérbio “Falar é fácil, difícil é fazer”. Tal enunciado direciona para uma visão de oposição entre o agir e o falar. Mas hoje, para a Pragmática, o que se entende é justamente o contrário: falar é fazer, agimos através das palavras. É dessa concepção que trata a teoria dos atos de fala.

A teoria dos atos de fala foi proposta por John L. Austin (1911-1960). Segundo Sousa Filho (1990), Austin parte da teoria pragmática de Wittgenstein, para quem o sentido está totalmente dependente do uso que se faz das palavras nas diferentes interações cotidianas. Esse sentido, porém, não se reduz apenas ao das proposições declarativas do tipo: “O mundo é redondo” ou, no dizer do governo atual brasileiro, “A Terra é plana”.

Ao investigar essa questão, Austin descobre que determinadas sentenças são, na verdade, ações. Vários são os tipos de ações que podemos realizar ao dizer algo. Quando, por exemplo, o padre diz: “Declaro-os marido e mulher”, não está apenas declarando algo, mas realizando a ação de mudança do estado civil; ao afirmar: Vou embora agora, efetivo minha saída de algum lugar.

Para Austin, ato de fala corresponde a toda ação que é realizada através do dizer. As ações que se realizam através dos atos de fala podem ser muito diferentes. Com base nessa percepção, Austin (1990, p.95) instituiu tipos de atos de fala: Locucionário (Ato de falar), Ilocucionário (Ato de proferir uma ação) e o Perlocucionário (Ato de provocar um efeito em outra pessoa). Daí, a necessidade de distinguir as diversas dimensões que um ato de fala possui. Fala-se em dimensões porque, em uma única locução, diferentes atos de fala podem ser realizados. Por exemplo, em um teatro, ao pronunciar a enunciação: “Você está sentado no meu lugar”, realizam-se, ao mesmo tempo, três atos de fala.

O primeiro deles é o ato locucionário, ou seja, o ato de enunciar, falar. O segundo ato, chamado de ilocucionário, é o ato executado na fala, ou seja, ao proferir um ato locucionário, realiza-se uma ação de protesto. Finalmente, no terceiro ato, chamado de perlocucionário, encontra-se o de provocar um efeito em outra pessoa através da enunciação, influenciando o seu comportamento. No caso do exemplo, espera-se que se retire daquele lugar. Tem-se, assim, o ato locucionário de dizer algo, o ato ilocucionário, que realiza uma ação, e o perlocucionário, quando há a intenção de provocar no ouvinte certos efeitos: convencer, levar a uma decisão.

Para Sousa Filho (1990), Austin queria mostrar a teoria dos atos de fala dentro da chamada virada linguística, característica de grande parte da atividade filosófica de século

XX. Ao ler o livro para traduzir, Sousa Filho percebe a origem de uma das concepções mais originais de Austin, segundo a qual “minha palavra é meu penhor”, o que faz com que se considere o ato de fala como tendo um caráter contratual ou de compromisso entre partes. Por essa visão, a necessidade de se levar em conta o contexto de uso das expressões e os elementos constitutivos deste contexto indica claramente que a linguagem não deve ser considerada em sua estrutura formal apenas, mas sempre em relação a uma situação em que faz sentido o uso de tal expressão. Segundo Austin:

quando examinamos o que se deve dizer e quando se deve fazê-lo, que palavras devemos usar em determinadas situações, não estamos examinando simplesmente palavras (ou seus “significados” ou seja lá o que isto for) mas sobretudo a realidade sobre a qual falamos ao usar estas palavras - usamos uma consciência mais aguçada das palavras para aguçar nossa percepção (..) dos fenômenos. (Austin, in Sousa Filho 1990, p,10)

Pela citação, depreendemos que a seleção de palavras decorre necessariamente da situação de uso. Por essa perspectiva, a linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada. Assim, nasce um novo paradigma teórico, que considera a linguagem como ação, como forma de atuação sobre o real e, portanto, de constituição do real e não apenas de representação da realidade. Para Faria (2017), o falante é tanto transformador como reproduzidor das ideias que constroem a vida social. Ao falar, realizamos a ação de transformar ou de espelhar as ideias.

Passemos ao segundo arcabouço teórico, que convoca o interlocutor a uma responsabilidade sobre a natureza da resposta dada a cada enunciação. Se nossa palavra constrói a realidade, nossa vivência prática deveria estar de acordo com a palavra proferida para cada realidade.

3. A UNIDADE DA RESPONSABILIDADE

O termo “responsabilidade”, em questões linguísticas na tradução do russo para outras línguas, pode ser também entendido como “responsividade” e/ou “respondibilidade”². Para melhor compreender o conceito, é viável retroceder um pouco na história. Sabemos que finalidade suprema do bem pode ser entendida como a felicidade, que é o objeto da ciência arquetônica, que abarca todas as ciências práticas. Esta ciência suprema foi definida, desde Platão, como a ciência política num sentido mais amplo, porém é só em Aristóteles que essa é estabelecida como arquetônica e visa ao bem viver em comunidade. De u certa forma, a arquetônica é a parte formal de uma ideia da razão pura que dá forma à razão prática. Em outras palavras, é o que dá sustentação à razão prática.

2 Sobral, 2005.

Para Klark (1998), Bakhtin era estudante recém-egresso do curso de estudos clássicos na Universidade de Petrogrado, quando publicou o pequeno texto *Arte e Responsabilidade* (doravante AR), na revista *O Dia da Arte*, em 1919. No artigo, o conceito de arquitetônica ainda não aparece explicitamente, mas no texto, já é possível conjecturar a base do conceito, que foi abordado em sua obra seguinte *Para uma filosofia do ato responsável*, escrita entre os anos 1920-21. Especialistas na teoria bakhtiniana afirmam que AR propõe um esboço de um livro de filosofia moral nunca concluído e veem, no trecho abaixo, indícios do que seria a arquitetônica para Bakhtin:

Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unidos apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras. **Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. [...] O que garante o nexos interno entre os elementos do indivíduo? Só a unidade da responsabilidade. Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos. [...] Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade.** (BAKHTIN, 2011 p. XXXIII-XXXIV) (grifo nosso)

Para Bakhtin, o discurso só adquire realidade quando incorporado à vida. O filósofo russo retoma as categorias kantianas e as une com a unidade interna do sentido que está contida no ser, através de seu lugar único no mundo, um lugar que é espacial, temporal e histórico e pleno de valores. Cada um de nós é uma unidade que deve fazer unidade com a ciência, a arte e com a vida, para incorporar na própria vida, para que elas de fato se concretizem na história, no mundo. Aqui, segundo Böhler (2016), podemos substituir a palavra unidade por diálogo, termo preferido por Bakhtin. Somos chamados a dialogar com as ciências, com a arte para corporificar na nossa vida. Nesse sentido, diálogo adquire um aspecto mais papável, de adesão efetiva. Materializo em vida os diálogos estabelecidos, portanto, não são meras trocas de palavras, mas constituição do ser.

Para entender melhor arquitetônica, trazemos o discurso de Sobral (2005):

Esses textos buscam mostrar os malefícios da dissociação entre cultura e vida, entre mundo sensível e mundo inteligível, entre conteúdo e processo. [...] Essa dissociação afeta muitas filosofias, bem como teorias linguísticas e discursivas, que produzem cisão **entre o agir concreto dos sujeitos e o pensar sobre o agir dos sujeitos**[...]. O empreendimento bakhtiniano consiste em propor que há entre o particular e o geral, o prático e o teórico, a vida e a arte uma reação de interconstituição dialógica, que não privilegia nenhum desses termos, mas os integra na produção de atos, de enunciados, de obras de artes etc. (Sobral, 2005,p.105) (grifo nosso)

Como se vê, a arquitetônica é uma proposta complexa, que exige esforço de compreensão, por tentar integrar teoria e prática na vida de cada pessoa. A dissociação existente entre discurso e prática traz malefícios para a sociedade. Pode-se dizer que a responsabilidade que temos por nosso lugar único na existência e pelas relações que estabelecemos com o mundo consolida-se em um projeto, que nada mais é do que o projeto da vida de cada um. Em outras palavras, cada um ocupa um lugar e um tempo únicos na vida, uma existência concebida como um acontecimento. A vida, por ser um acontecimento, pressupõe autores. A atividade arquitetônica da autoria, que é a construção de um texto, desenvolve-se ao lado da atividade da existência humana que, para Bakhtin, é a construção de um *self*. E essa atividade é gerada por um constante deslizamento entre o *self* e o outro, fazendo da interação um processo interdependente de importância máxima.

Vimos que de Aristóteles veio, além do conceito em si, a compreensão de que a arquitetônica compreende o todo dos nossos atos sociais, que são responsáveis para com a cidade ou a coletividade de seres. Para Aristóteles, o ato, como produto do homem, estava diretamente condicionado ao bem da comunidade e, por isso, é um ato que pressupõe a ética. O mesmo acontece em Bakhtin, porém aqui o ser, em seu ato responsável, é chamado para incorporar na vida os diálogos estabelecidos nos campos da cultura humana e responder com responsabilidade. Segundo os dois pensadores, a unidade da responsabilidade deve ser atualizada nas práticas sociais interativas/discursivas. Ou seja, viver é dar uma resposta cotidiana em nossas práticas sociais. Como Lubich fez isso?.

4. A RESSURREIÇÃO DE ROMA: UM OLHAR LINGUÍSTICO

Este escrito de Chiara Lubich, revisto pela autora, foi publicado no jornal “La Via” nº 36 (1949). A tradução foi extraída do livro *Deus Amor* de Marisa Cerini, editado no Brasil, pág. 69-73. Vejamos o texto:

“A Ressurreição de Roma”³

Se vejo Roma assim como é, sinto o meu Ideal distante, assim como estão distantes os tempos em que os grandes santos e os grandes mártires emitiam eterna luz ao redor, iluminando inclusive as paredes dos monumentos que ainda se erguem, testemunhando o amor que unia os primeiros cristãos.

Com um berrante contraste o mundo, com a sua sujeira e vaidade, hoje a domina nas suas ruas e, ainda mais, nos esconderijos das casas onde existe a ira com toda a sorte de pecado e agitação.

3 .Este escrito de Lubich, revisto pela autora, foi publicado no jornal “La Via” nº 36 (1949).

Eu diria que o meu Ideal é uma utopia, se não pensasse n'Ele, que também viu ao Seu redor um mundo como este e que, no ápice de Sua vida, parece ter sido derrotado, vencido pelo mal.

Também Ele via toda aquela multidão que amava como a Si mesmo; Ele, que a tinha criado e que teria desejado lançar os laços que deviam reuni-la a Si, como filhos ao Pai, e unir irmão a irmão.

Ele tinha vindo para recompor a família: para fazer de todos um.

Porém, apesar das Suas palavras de Fogo e de Verdade, que queimavam a palha das vaidades que soterram o Eterno que existe no homem e entre os homens, as pessoas, muitas delas, mesmo compreendendo, não queriam aceitar e ficavam com os olhos apagados porque a alma estava às escuras.

Tudo isso porque Ele as criou livres.

Tendo vindo do Céu à terra, Ele podia ressuscitar todas apenas com um olhar. Mas devia deixar em suas mãos - feitas à imagem de Deus - a alegria da livre conquista do Céu. Estava em jogo a Eternidade e por toda a Eternidade poderiam viver como filhos de Deus, como Deus, criadores (participando da Sua onipotência) da própria felicidade.

Ele via o mundo assim como eu o vejo, mas não duvidava.

Insatisfeito e triste, porque tudo se encaminhava para a derrota, de noite Ele olhava em súplica para o céu lá em cima e para o céu dentro de Si, onde a Trindade vivia e era o Ser verdadeiro, o Tudo real, enquanto fora, pelas ruas, caminhava a nulidade que passa.

Também eu faço como Ele para não separar-me do Eterno, do Incriado, que é a raiz da criação e, portanto, a Vida do tudo, e assim acreditar na vitória final da Luz sobre as trevas.

Ando por Roma e não quero vê-la. Vejo o mundo que existe dentro de mim e me apego àquilo que tem "ser" e valor. Torno-me uma só coisa com a Trindade que repousa na minha alma, iluminando-a com eterna luz e ocupando-a com todo o Céu, habitado por santos e anjos que, não sujeitos ao espaço e ao tempo, podem estar reunidos com os Três, em unidade de amor no meu pequeno ser.

Entro em contato com o Fogo que, invadindo toda a minha humanidade, doada por Deus, me torna outro Cristo, outro Homem-Deus por participação. De forma que o meu lado humano se unifica com o divino e os meus olhos deixam de ser apagados. Mas através da pupila, que é o vazio da alma, por meio do qual passa toda a luz interior (se deixo Deus viver em mim), olho para o mundo e para as coisas; porém esse olhar deixou de ser meu. É Cristo que olha através de mim e percebe que há cegos precisando da vista, mudos precisando de falar e aleijados precisando

de andar. Cegos da visão de Deus dentro e fora de si; mudos à Palavra de Deus que, todavia, fala neles e poderia ser transmitida por eles aos irmãos, despertando-os para a Verdade; paráliticos imobilizados, desconhecedores da divina vontade que, do fundo do próprio coração, os impele ao movimento eterno, que é o eterno Amor, onde, transmitindo Fogo, se é por sua vez incendiados.

Assim, reabrindo os olhos para a realidade fora, vejo a humanidade com os olhos de Deus, que *tudo crê* porque é Amor.

Vejo e descubro em todos a minha própria luz, a minha verdadeira Realidade, o meu verdadeiro eu (talvez enterrado ou secretamente camuflado por vergonha). E, tendo-me reencontrado, uno-me novamente a mim, ressuscitando-me - Amor que é vida - no irmão.

Ressuscitando nele Jesus, outro Cristo, outro Homem-Deus, manifestação da bondade do Pai aqui na terra, olhar de Deus sobre a humanidade, assim prolongo o Cristo que está em mim no irmão e componho com ele uma célula viva e completa do Corpo Místico de Cristo, célula viva, “morada” de Deus, que possui o Fogo para comunicar e juntamente com este, também a luz.

É Deus que faz de duas pessoas uma só e se coloca como terceiro, como relação entre elas: Jesus no meio.

Assim o amor circula espontaneamente (pela lei da comunhão que lhe é ínsita), como um rio impetuoso, e arrasta tudo o que os dois possuem, colocando em comum os bens espirituais e os bens materiais.

E isto é um testemunho eficaz e externo do amor unitivo e verdadeiro, do amor da Trindade.

Então, é realmente a plenitude de Cristo que revive em ambos, em cada um e entre nós.

Ele, Homem-Deus, com as mais diversificadas expressões humanas impregnadas de divino, colocadas ao serviço do fim eterno: Deus com o interesse do Reino e - dominador de tudo - distribuidor de bens a todos os filhos como Pai sem preferências.

* * *

E creio que, deixando Deus viver em mim e deixando-O amar-Se nos irmãos, Ele descobriria a Si mesmo em muitos, e os olhares de muitos se iluminariam com a Sua luz: sinal tangível de que Ele reina neles.

E o Fogo, devorador de tudo ao serviço do eterno Amor, se difundiria rapidamente por Roma para ressuscitar os cristãos e para fazer desta época, fria porque atea, a época do Fogo, a época de Deus.

Mas é preciso ter coragem de não usar outros meios - para suscitar um pouco de cristianismo e ecoar as glórias passadas - ou de colocá-los (os outros meios) pelo menos em segundo plano.

É preciso fazer renascer Deus em nós, conservá-Lo vivo e transbordá-Lo aos outros como hálitos de Vida e ressuscitar os mortos.

Conservá-Lo vivo entre nós amando-nos (e para amar-se não é necessário clamor: o amor é morte do nosso eu - e a morte é silêncio - e vida em Deus - e Deus é o silêncio que fala).

Então, tudo se revoluciona: política e arte, escola e religião, vida privada e divertimento. Tudo.

Deus não está em nós como o Crucifixo que às vezes está pendurado quase como um amuleto nas paredes das salas de aula. Está em nós vivo - se O deixarmos viver - como legislador de todas as leis humanas e divinas, pois todas foram feitas por Ele. E Ele do íntimo dita tudo; nos ensina - como Mestre eterno - o eterno e o contingente e a tudo dá valor.

Mas não compreende isso a não ser quem O deixa viver em si, vivendo nos outros: que a vida é amor e, se não circula, não vive.

Jesus deve ser ressuscitado na Cidade eterna e deve viver por toda a parte. É a Vida e a Vida completa. Não é somente um fato religioso...⁴ Separá-lo da vida integral do homem é uma prática herética dos nossos tempos, é sujeitar o homem a algo que é menos do que ele e relegar Deus, que é Pai, para longe dos filhos.⁵

Não; Ele é *o Homem*, o homem perfeito, que resume em Si todos os homens e cada verdade e impulso que eles podem sentir para elevar-se ao próprio lugar.

E quem encontrou este Homem encontrou a solução para qualquer problema, humano e divino. Ele o manifesta. Basta que ele seja amado.

Chiara Lubich

Um início de reflexão: o contexto

Em 1949, Chiara com as primeiras companheiras foram passar um período de férias em Fiera de Primero, uma cidade de montanha, nos Alpes Dolomitas. Ali viveu uma experiência mística profunda, que a marcou intensamente. Diante de tanta luz, Chiara não sentia mais o desejo de voltar a Roma. Porém, recordou-se de que a humanidade a esperava, com as suas dores e contradições. Ela precisava levar essa luz para a escuridão das cidades. Em seu retorno a Roma, escreve esse texto.

Lubich (1949), diante da realidade com a qual se depara criticamente, encontra-se dividida entre duas visões dicotômicas da cidade eterna: a sua e a que foi inspirada por Deus. Toma por base essa oposição e escreve o texto. Nesse texto, materializa uma realidade diferente da visão normal da cidade de Roma. É uma ação que implementa um novo modo de ver Roma: olhar Roma pelo prisma do olhar de Deus. Nessa ação, encontramos os três atos de fala:

Locucionário	Ela escreve o texto: A Ressurreição de Roma
Ato de falar/escrever	
Illocucionário	Implementa uma ação: um novo modo de ver Roma
Ato de proferir uma ação	
Perlocucionário	Expõe uma intencionalidade: é um convite para deixar Deus agir tanto em si como nos outros para, através desse novo olhar, reverter a situação política de Roma.
Ato de provocar um efeito em outra pessoa	

O que se quer focalizar nesse quadro é o fato de que o uso da língua, em sua modalidade oral ou escrita, imprime um caráter contratual. É uma ação que motiva, gera ações. Vejam a responsabilidade do alcance das palavras e dos discursos. É necessário lembrar que a seleção de palavras decorre obrigatoriamente da situação de uso. Lubich sai de uma experiência de forte iluminação e se depara com uma política, que nega toda a dimensão ética da vida pensada por Deus para o ser humano, em todos os seus aspectos: “Se vejo Roma assim como é, sinto o meu Ideal distante”. Então, constrói o texto com base nesse paradoxo do que é e do que pode ser se deixarmos Jesus- o homem Deus- viver em nós: “Deus não está em nós como o Crucifixo que às vezes está pendurado quase como um amuleto nas paredes das salas de aula”. Está em nós vivo — se O deixarmos viver — como legislador de todas as leis humanas e divinas, pois todas foram feitas por Ele.

Gostaria de ressaltar, nesse trecho, duas expressões: a) o todas as leis humanas, pois recobre todos os campos de nossa civilização: todas as ciências, todas as artes, todas as correntes educacionais, enfim, todas as matizes, que perpassam a vida prática da sociedade; e b) vivo, agindo em nós, no padeiro, no juiz, na professora, na médica, no lixeiro, nos políticos...É um apelo para que essa luz não seja apenas etérea, mas concretamente encarnada na vida da cidade de Roma e de cada cidade do planeta.

Essa encarnação deve se tornar a implementação da fraternidade na sociedade: “Assim o amor circula espontaneamente (pela lei da comunhão que lhe é ínsita), como um rio impetuoso, e arrasta tudo o que os dois possuem, colocando em comum os bens espirituais e os bens materiais”. Uma sociedade de filhos de Deus, em que sejam partilhados ideias, desejos, angústias, fraquezas, alegrias e, naturalmente, recursos materiais para que não exista um abismo imenso entre pobres e ricos. Se somos uma família, todo os bens existentes no planeta devem ser socializados. Como ela viu em seu período de iluminação em 1949.

Naturalmente, Lubich não conhecia essa teoria dos atos de fala, mas tinha uma profunda ética entre o dizer e o fazer, como veremos ao longo do texto. E esse fazer fica mais visível quando analisamos a responsabilidade.

5. UNIDADE NA RESPONSABILIDADE

Na discussão teórica, a responsabilidade (capacidade de reagir), segundo Bakhtin, é a possibilidade de integrar os mundos ou esferas discursivas nas práticas cotidianas. Afirma o autor, “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade”. Ou seja, as palavras de todos os livros escritos e dos discursos orais só se tornam realidade quando incorporadas à vida de alguém. É a vida que vai dar unidade entre **o dizer e o fazer**. Se as palavras ficarem apenas no plano do discurso, elas não terão força de transformar a realidade. Imaginemos alguém dizendo: “Vou lavar louça” e não chega nem perto da pia. A louça continuará suja e a realidade não será transformada. Lembremos do ditado “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Quantas vezes essas palavras nos impulsionaram a continuar insistindo em resolver uma determinada situação. Essas palavras tornaram-se vida e mudaram diversas realidades.

Vejam como essa noção de responsabilidade se encontra enraizada em Lubich. Ela entende uma nova realidade e, imediatamente, revela-a, através da linguagem, para que essa realidade possa ser transformada. Ao compreender que as esferas discursivas não se separam: “política e arte, escola e religião, vida privada e divertimento”, há no texto uma convocação a olhar todos os campos de atividades humanas como importantes e necessários para uma vida em sociedade e impregnados do divino. Jesus veio para estabelecer na terra

o reino dos Céus, imprimir as leis divinas. Isso pode ser visto mais claramente na nota, que especifica o entrelaçamento do Divino nas diversas atividades humanas:

Às vezes se pensa que o Evangelho não resolve todos os problemas humanos e que anuncia somente o Reino de Deus no sentido estritamente religioso. Não é assim! Porém é claro que não é o Jesus histórico ou Jesus, enquanto Cabeça do Corpo místico, que resolve todos os problemas. Quem o faz é Jesus-nós, Jesus-eu, Jesus-tu... É Jesus no homem, naquele determinado homem (quando a Sua graça está nele), que constrói uma ponte, que abre uma estrada. (Nota de Lubich)

Nesse trecho, há uma integração profunda entre homem e mundo. Primeiro, nos três campos da cultura humana- Ciência, Arte e vida, que Lubich especifica ainda mais- política e arte, escola e religião, vida privada e divertimento. Todos estão perpassados pelo humano e pelo divino. Assim, questões religiosas e problemas humanos estão no mesmo nível e esperam uma resposta de nós. Segundo, também no **nós** há uma integração de divino e de humano. “É Jesus no homem, naquele determinado homem (quando a Sua graça está nele), que constrói uma ponte, que abre uma estrada”. E aqui podemos acrescentar tantas ações, em tantos homens. Destacamos, em sua nota, um eu que convoca um tu para o agir responsável. Ao mencionar que é o Jesus- nós/ eu/ tu que deve agir, intima o outro a arcar com as consequências de suas respostas na vida cotidiana. Finalmente, ainda na nota, em relação ao trecho: “cada homem dá a sua contribuição específica em todos os campos: na ciência, na arte, na política... É a encarnação que continua...”

Essa encarnação se vê muito claramente na própria vida de Lubich, um apelo para uma coerência do agir em todas as situações enunciativas, tanto de fala quanto de escrita: em casa, no trabalho, na escola, no parlamento. É possível, para quem conhece sua vida, encontrar uma sintonia entre o falar e o fazer. É famosa sua frase: “A política é o amor dos amores”, pois entendeu a força da política na construção de um mundo mais justo. Por pensar assim, criou o Projeto África, em que convocou vários países a ajudarem um povo de Fontem (Cameroun) como forma de corrigirem a exploração de tantos anos à África. Ao chegar a São Paulo, em 1991, viu as favelas que cercavam os edifícios da grande cidade e, de posse do conhecimento da frase do Cardeal Evaristo Arns, que afirmava ser uma coroa de espinho, lançou as bases de uma nova prática econômica: Economia de comunhão. E poderíamos citar tantas outras iniciativas que dão sustentação às palavras de Lubich: na Educação, na Psicologia, no Ecumenismo, na Ecologia...

Para finalizar, quero trazer de volta o trecho: “A atividade arquitetônica da autoria, que é a construção de um texto, desenvolve-se ao lado da atividade da existência humana que, para Bakhtin, é a construção de um *self*. E essa atividade é gerada por um constante deslizamento entre o *self* e o outro, fazendo da interação um processo de extrema importância”.

Lubich direciona sua visão para o outro através dessa carta. Toda sua vida foi pautada na relação com o outro, num constante deslizamento entre ela e suas companheiras e, mais tarde, entre muitos interlocutores. Nessa relação com o outro, podemos chamar atenção para a encarnação que continua. Segundo Bakhtin (in Klarc, 1998, p.104), essa relação se dá através de ações inerentes à ação de Deus, fazendo pessoas e das pessoas fazendo *selves*, com a atividade de pessoas criando outras pessoas na autoria literária, como um paradigma para pensar em todos os níveis da criação. Somos outros após leituras realizadas. Quantos pensadores nos influenciaram com suas palavras? Quantas realidades criamos através de falas que nos interpelam?

Vale salientar que o texto de Bakhtin só apareceu na Europa anos depois do texto de Lubich. Aqui, tem-se uma profusão de *selves*, que se constituem mutuamente, ao mesmo tempo que dão continuidade à criação. Temos uma humanidade mutuamente implicada nas constituições dos seres humanos e do próprio mundo: arte, política, ciência, cotidiano, mídia, economia, linguagem, pedagogia, ecologia, etc.

6. CONCLUSÕES

O artigo teve por objetivo observar, no texto *A Ressurreição de Roma*, de Lubich (1949), as consequências de seu dizer para a vida em sociedade, para isso utilizamos a teoria do Atos de fala e a Responsabilidade de Bakhtin.

Iniciamos o texto mostrando que há, no conhecimento comum, um raciocínio que nos distancia da verdadeira natureza da linguagem. Falar é fazer. Autores da Linguística mostram, também, que falamos direcionados pelo contexto. A linguagem não é um discurso apenas de estruturas linguísticas, mas ancora-se nas diferentes situações de uso. Isso requer um compromisso da pessoa que fala com o contexto em que está inserida. Assim, a linguagem é uma ação que precisa estar de acordo com as demais ações do sujeito.

No texto *A Ressurreição de Roma*, observamos que Lubich fez uso dos três atos de fala, evidenciando o caráter de ação da Linguagem, que demanda novas ações, implicando um alcance inimaginável. Ressaltamos também que, em relação ao conceito de responsabilidade, o texto *A Ressurreição de Roma* é um enunciado concreto, que foi realizado num ato responsável, enquanto potência no ser único de Lubich, sempre em relação de interação com o outro, num determinado tempo e espaço. E esse texto é um chamado à implementação da fraternidade na sociedade e à convocação em todos nós da nossa capacidade de reagir. O mundo espera por essa resposta. E cada ser humano é convocado a dar a sua resposta, no seu tempo e no seu espaço.

Por fim, podemos afirmar que os campos da ciência, da arte e da vida não são a mesma coisa, mas, de certo modo, tornaram-se algo singular em Lubich, na unidade da sua responsabilidade, isto é, na sua capacidade de integrar discurso e vida.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Austin, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.

Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011

Bakhtin, Mikhail. Arte e Responsabilidade In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.XXXIII – XXXIV

Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BÖHLER, Salete Chiamulera. **Estudo da expressividade musical dialógica no rudepoema de Heitor Villa-Lobos**. Tese de doutorado, . UFRGS, 2016

CLARK, Katerina. A arquitetura da responsabilidade. In CLARK, Katerina e Holquist Michael. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARIA, E.M.B. Gênesis e Linguagem: **Hipóteses sobre o papel da linguagem na contínua criação do mundo**. In COSTA, Julia C. de L; FRANCELINO, Pedro F. (Org). Linguagem, Discurso e Religião. São Carlos -São Paulo: Editora Pedro & João Editores, 2017

Queiroz. (<http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i2.1506>)

PINTO, J.P. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2004.

SOBRAL, Adail. Ético e Estético. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2012.